

Autor

John W. Creswell é professor de psicologia educacional no programa de pós-graduação em Métodos Quantitativos e Qualitativos em Educação (MQQE) da University of Nebraska-Lincoln, especializado em métodos de pesquisa, investigação qualitativa e elaboração de projetos de métodos mistos e aplicações metodológicas em educação, nas ciências sociais e na medicina de família.

John W. Creswell

PROJETO DE PESQUISA

Métodos qualitativo,
quantitativo e misto

2ª edição

Tradução:
Luciana de Oliveira da Rocha

Consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição:
Maria Imilda da Costa e Silva
Mestre em Economia e em Educação pela Stanford University

Reimpressão



C923p	Creswell, John W. Projeto de pesquisa : métodos qualitativo, quantitativo e misto / John W. Creswell ; tradução Luciana de Oliveira da Rocha. -- 2. ed. -- Porto Alegre : Artmed, 2007. 248 p. : il. ; 23 cm. ISBN 978-85-363-0892-0 1. Métodos de pesquisa. I. Título. CDU 001.891
-------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Catálogo na publicação: Júlia Angst Coelho – CRB 10/1712



2007

*Múbia dos Reis Reis
2009*

Obra originalmente publicada sob o título *Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches - Second Edition*

ISBN 0-7619-2442-6

Original © 2003, Sage Publications, Inc., 2455 Teller Road, Thousand Oaks, California 91320, U.S.A.

All rights reserved.

Portuguese language translation © 2007, Artmed Editora S.A. All rights reserved.

Capa: *Paola Manica*

Preparação de originais: *Márcia da Silveira Santos*

Supervisão editorial: *Mônica Baltejo Canto*

Editoração eletrônica: *Laser House*

Reservados todos os direitos de publicação, em língua portuguesa, à
ARTMED® EDITORA S.A.

Av. Jerônimo de Ornelas, 670 - Santana
90040-340 Porto Alegre RS

Fone (51) 3027-7000 Fax (51) 3027-7070

É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob
quaisquer formas ou por quaisquer meios (eletrônico, mecânico, gravação,
fotocópia, distribuição na Web e outros), sem permissão expressa da Editora.

SÃO PAULO

Av. Angélica, 1091 - Higienópolis

01227-100 São Paulo SP

Fone (11) 3665-1100 Fax (11) 3667-1333

SAC 0800 703-3444

IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL

Dedicatória

Dedico este livro a Karen Drumm Creswell. Ela é a inspiração dos meus escritos e da minha vida. Graças a ela, como esposa, apoiadora e minuciosa e atenta revisora, consigo trabalhar longas horas ao longo dos anos que dedico ao meu trabalho e aos meus livros.

A Introdução

Depois de ter completado uma estrutura e uma revisão preliminar de literatura e de ter considerado a redação e a ética, o criador de uma proposta se volta para o projeto real de um estudo. O processo inicia-se com a organização das idéias, começando com a elaboração de uma introdução para a proposta. Este capítulo discute a composição e a redação de uma introdução acadêmica para uma proposta qualitativa, quantitativa ou de métodos mistos. Primeiro examina as diferenças na redação de uma introdução para esses três tipos diferentes de propostas. Depois, para fornecer um modelo funcional de uma boa introdução, apresenta-se uma introdução completa de uma pesquisa já publicada. Depois disso, o modelo é analisado, seção por seção, usando uma estrutura para redigir uma boa introdução. Essa estrutura é baseada em cinco componentes principais encontrados em todas as introduções, independentemente do método de pesquisa consiste em descrever o problema que gera o estudo, rever a literatura sobre o problema, identificar deficiências na literatura sobre o problema, identificar o público e não a importância do problema para este público, e identificar o objetivo do estudo proposto. Como esse método baseia-se em assinalar as deficiências da literatura passada, será denominado modelo de *deficiências* de ciência social para uma introdução.

A importância das introduções

A introdução é a primeira passagem em um artigo de periódico, tese ou estudo de pesquisa acadêmica. Ela prepara o terreno para todo o estudo. Como menciona Wilkinson (1991):

A introdução é a parte do trabalho que dá aos leitores informações prévias para a pesquisa relatada no trabalho. Seu objetivo é estabelecer

uma estrutura para a pesquisa, de forma que os leitores possam entender como ela se relaciona às demais pesquisas. (p. 96)

Ao preparar o terreno para um estudo, a introdução identifica a questão ou a preocupação que gera a pesquisa ao transmitir informações sobre um problema de pesquisa. Como essa é a passagem inicial em um estudo ou em uma proposta, deve-se tomar muito cuidado ao redigi-la. Infelizmente, muitos autores não identificam claramente o problema de pesquisa, deixando o leitor decidir por si mesmo a importância da questão que motiva um estudo. Além disso, o problema de pesquisa é sempre confundido com as questões de pesquisa – aquelas questões que o investigador gostaria de ver respondidas para entender ou explicar o problema.

Um problema de pesquisa pode originar-se de muitas fontes em potencial. Pode surgir de uma experiência que os pesquisadores tiveram em sua vida pessoal ou no local de trabalho. Pode provir de um amplo debate que apareceu na literatura por vários anos. Pode desenvolver-se a partir de debates políticos no governo ou entre altos executivos. As fontes dos problemas de pesquisa são frequentemente múltiplas.

A essa complexidade acrescenta-se a necessidade de que as introduções assumam o encargo de encorajar o leitor a ler mais e começar a perceber a importância do estudo. Essa faceta por si só dificulta a redação da introdução. A introdução precisa despertar no leitor interesse sobre o tópico, descrever o problema que gerou o estudo, posicionar o estudo dentro do contexto mais amplo da literatura acadêmica e atingir um público específico. Tudo isso é atingido em uma seção concisa de poucas páginas. Devido às mensagens que têm que transmitir e ao espaço limitado permitido, as introduções são desafiadoras de escrever e entender.

Felizmente, existe um modelo ou uma estrutura para redigir uma boa introdução acadêmica em ciências sociais. Antes de apresentar esse modelo, é necessário distinguir diferenças sutis entre introduções para estudos qualitativos, quantitativos e de métodos mistos.

Introduções qualitativas, quantitativas e de métodos mistos

Uma revisão geral de todas as introduções mostra que elas seguem um padrão similar: os autores descrevem um problema e justificam por que ele precisa ser estudado. Como os problemas diferem nos estudos qualitativos, quantitativos e de métodos mistos (como foi discutido no Capítulo 1), o tipo de problema apresentado em uma introdução vai variar dependendo do método. Em um projeto *qualitativo*, o autor vai descrever um problema de pesquisa que possa ser melhor compreendido ao explorar um conceito ou um fenômeno. Eu sugeri que a pesquisa qualitativa é exploratória e os pesquisadores a utilizam para explorar um tópico quando as variáveis e a base teórica são desconhecidas. Por exemplo, Morse (1991) diz:

As características de um problema de pesquisa qualitativa são: (a) o conceito é "imaturo" devido à evidente falta de teoria e pesquisa prévia; (b) uma noção de que a teoria disponível pode ser imprecisa, imprópria, incorreta ou tendenciosa; (c) existe necessidade de explorar e descrever os fenômenos e desenvolver teorias; ou (d) a natureza do fenômeno pode não ser apropriada para medidas quantitativas. (p. 120)

Por exemplo, o problema da expansão urbana (um problema) precisa ser explorado porque não foi examinado em certas áreas de um estado. Alternativamente, crianças no ensino fundamental sofrem de ansiedade, o que interfere no aprendizado (um problema), e a melhor maneira de explorar esse problema é ir às escolas, visitando diretamente professores e alunos. Alguns pesquisadores qualitativos têm uma lente teórica através da qual o problema será examinado (por exemplo, a desigualdade de pagamento entre mulheres e homens ou as atitudes raciais envolvidas na elaboração do perfil de motoristas nas estradas). Thomas (1993) sugere que "pesquisadores críticos partem da premissa de que toda vida cultural está em tensão constante entre controle e resistência" (p. 9). Essa orientação teórica molda a estrutura de uma introdução. Na introdução de um estudo, Beisel (1990), por exemplo, propôs examinar como a teoria da classe política explicou a falta de sucesso de uma campanha antívicio em uma de três cidades norte-americanas. Assim, em alguns estudos qualitativos, a abordagem da introdução pode ser menos indutiva, embora ainda baseada na perspectiva dos participantes, como a maioria dos estudos qualitativos. Além disso, introduções qualitativas podem começar com uma declaração pessoal de experiências do autor, como aquelas encontradas nos estudos fenomenológicos (Moustakas, 1994). Elas também podem ser escritas na primeira pessoa, de um ponto de vista pessoal, no qual o pesquisador posiciona-se na narrativa.

Nas introduções *quantitativas*, observa-se menos variação. Em um projeto quantitativo, o problema é melhor trabalhado ao entender quais fatores ou variáveis influenciam um resultado. Por exemplo, em resposta à dispensa de mão-de-obra (um problema para todos os empregados), um investigador pode tentar descobrir que fatores influenciaram a redução dos negócios da empresa. Outro pesquisador pode precisar entender o alto índice de divórcio entre casais (um problema) e examinar-se as questões financeiras contribuem para o divórcio. Nas duas situações, o problema de pesquisa é tal, que ter conhecimento de quais fatores explicam ou relacionam-se a um resultado ajuda o investigador a entender melhor e explicar o problema. Além disso, nas introduções quantitativas, os pesquisadores, algumas vezes, propõem uma teoria para testar e incorporam revisões substanciais da literatura para identificar questões de pesquisa que precisam ser respondidas. A redação de uma introdução quantitativa pode ser feita de um ponto de vista pessoal e no tempo passado para garantir "objetividade" à linguagem da pesquisa.

Um estudo de métodos mistos pode empregar tanto a técnica qualitativa como a quantitativa (ou alguma combinação das duas) para redigir uma introdu-

ção. Por exemplo, um problema de pesquisa de métodos mistos pode ser um em que existe tanto a necessidade de entender a relação entre as variáveis em uma situação quanto a de explorar o tópico com mais profundidade. Um projeto de métodos mistos pode inicialmente tentar explicar a relação entre fato de ser fumante e a depressão entre adolescentes, depois explorar visões detalhadas de adolescentes e exibir diferentes padrões de fumantes e depressão. Com a primeira fase desse projeto sendo quantitativa, a introdução pode incluir uma acerca de uma teoria que prevê a relação.

Modelo de introdução

As diferenças entre as várias técnicas são pequenas e relacionam-se principalmente aos diferentes tipos de problemas associados com estudos qualitativos, quantitativos e de métodos mistos. Pode ser útil ilustrar uma técnica para elaborar e redigir uma introdução para um estudo de pesquisa.

O *modelo de deficiências* é um modelo geral para redigir uma introdução sólida para uma proposta ou para um estudo de pesquisa. É uma técnica popular usada em ciências sociais e, uma vez que sua estrutura seja elucidada, o leitor vai identificá-la com facilidade em muitos estudos acadêmicos. Ela consiste de cinco partes:

1. O problema de pesquisa
2. Estudos que abordaram o problema
3. Deficiências nos estudos
4. A importância do estudo para um público
5. A declaração de objetivo

Um exemplo

Antes da revisão de cada componente, apresentaremos um exemplo. O exemplo usado aqui é de um estudo quantitativo publicado por Terenzini, Cabrera, Colbeck, Bjorklund e Parente (2001) em *The Journal of Higher Education* e intitulado "Racial and Ethnic Diversity in the Classroom" (Diversidade racial e étnica na sala de aula) (reimpresso com permissão). Depois de cada seção principal da estrutura da introdução, será destacado resumidamente o componente da introdução que está sendo abordado pelos autores.

Desde a aprovação do Decreto dos Direitos Cívicos de 1964 e do Decreto de Educação Superior de 1965, faculdades e universidades norte-americanas têm lutado para aumentar a diversidade racial e étnica de seus alunos e membros do corpo docente, e a "ação afirmativa" tornou-se a po-

lítica preferida para atingir essa heterogenia. **IOs autores estabelecem o gancho narrativo.**]Essas políticas, porém, estão agora no centro de um intenso debate nacional. A base legal atual para políticas de ação afirmativa tem sede no caso *Reitores da University of California versus Bakke*, de 1978, no qual o Juiz William Powell argumentou que a raça poderia estar entre os fatores nos quais são baseadas as decisões de admissões. Mais recentemente, porém, a Corte de Apelações da 5ª Vara nos EUA, no caso *Hopwood versus Estado do Texas*, de 1996, considerou o argumento de Powell insuficiente. As decisões da corte desconsiderando as políticas da ação afirmativa foram acompanhadas por referendos estaduais, legislação e ações relacionadas, banindo ou reduzindo bastante o problema de discriminação por raça nas admissões ou contratações na Califórnia, Florida, Louisiana, Maine, Massachusetts, Michigan, Mississippi, New Hampshire, Rhode Island e Porto Rico (Healy, 1998a, 1998b, 1999).

Em resposta, educadores e outras pessoas apresentaram argumentos educacionais apoiando a ação afirmativa, alegando que um corpo diversificado é mais eficaz do que um mais homogêneo. O presidente da Harvard University, Neil Rudenstine, alega que a "base principal para diversidade estudantil em educação superior é seu valor educacional" (Rudenstine, 1999, p. 1). Lee Bollinger, que ocupa o mesmo cargo de Rudenstine na University of Michigan, declarou: "Uma sala de aula que não tem representação significativa dos membros de diferentes raças produz uma discussão empobrecida" (Schmidt, 1998, p. A32). Esses dois presidentes não estão sozinhos em suas crenças. Uma declaração publicada pela Association of American Universities (Associação de Universidades Americanas) e endossada pelos presidentes de 62 universidades afirmava: "Falamos, antes de mais nada, como educadores. Acreditamos que nossos alunos se beneficiam significativamente com a educação que ocorre em um ambiente diversificado" ("On the Importance of Diversity in University Admissions", *The New York Times*, April 24, 1997, p. A27). **IOs autores identificam o problema de pesquisa.**]

Estudos sobre o impacto da diversidade nos resultados educacionais dos alunos tendem a abordar a maneira como os alunos encontram "diversidade" em uma de três formas. Um pequeno grupo de estudos trata os contatos dos alunos com "diversidade" em grande parte como uma função da composição numérica ou uma proporção racial/étnica ou de gênero entre os alunos em um *campus* (por exemplo, Chang, 1996, 1999a; Kanter, 1977; Sax, 1996)... Um segundo grupo de estudos consideravelmente maior toma uma pequena quantidade de diversidade estrutural como uma suposição e operacionaliza os encontros dos estudantes com a diversidade usando a frequência ou a natureza de suas interações reportadas com seus pares que são racialmente/eticamente diferentes deles mesmos... Um terceiro grupo de estudos examina esforços programados, institucionalmente estruturados e objetivos, para ajudar os alunos a

engajar-se na “diversidade” racial/étnica e/ou de gênero na forma de idéias e pessoas.

Essas várias técnicas têm sido usadas para examinar os efeitos da diversidade em um vasto leque de resultados educacionais dos alunos. As provas são quase uniformemente consistentes, indicando que os alunos em uma comunidade diversificada racial/eticamente ou em gênero colhem um vasto leque de benefícios educacionais positivos... [Os autores mencionam estudos que abordaram o problema.]

Apenas um número relativamente pequeno de estudos (por exemplo, Chang, 1996, 1999a; Sax, 1996) examinou especificamente se a *composição racial/étnica ou de gênero* dos alunos em um *campus*, em uma especialização acadêmica ou em uma sala de aula (ou seja, diversidade estrutural) tem os benefícios educacionais alegados... Saber se o grau de diversidade racial de um *campus* ou de uma sala de aula tem um efeito *direto* nos resultados do aprendizado, porém, permanece uma questão em aberto. [Observe-se deficiências nos estudos.]

A falta de informações sobre os benefícios educacionais da diversidade estrutural em um *campus* ou em suas salas de aula é lamentável porque esse é o tipo de prova que os tribunais parecem exigir para dar apoio a políticas de admissão sensíveis à raça. [Importância do estudo para um público mencionado.]

Este estudo tentou contribuir para a base de conhecimento ao explorar a influência da diversidade estrutural na sala de aula sobre o desenvolvimento de habilidades acadêmicas e intelectuais dos alunos... O estudo examina o efeito direto da diversidade na sala de aula sobre os resultados acadêmicos/intelectuais e se quaisquer efeitos da diversidade na sala de aula podem ser moderados pelo uso de técnicas instrucionais colaborativas adotadas no curso. [Objetivo do estudo identificado.] (p. 510-512, reimpresso com permissão de *The Journal of Higher Education*).

O problema de pesquisa no estudo

Quando os pesquisadores iniciam seus estudos, começam com um ou mais parágrafos que transmitem os problemas ou as questões de pesquisa específicos. Eles também apresentam, na primeira sentença, informações para despertar interesse no leitor. Nas frases que seguem à primeira, os autores identificam um problema de pesquisa distinto que precisa ser abordado.

No artigo de Terenzini e colaboradores (2001), a primeira sentença atinge os dois objetivos: despertar interesse no estudo e transmitir um problema ou uma questão de pesquisa distinto. Que efeito teve essa frase? Ela atrairia o leitor para continuar a leitura? Ela foi elaborada em um nível que permite a um vasto público entendê-la? Essas questões são importantes para frases de abertura chamadas *ganchos narrativos*, um termo baseado nas aulas de redação, para atrair ou “fisgar”

o leitor para um estudo. Para aprender a escrever bons ganchos narrativos, estudo de frases de abertura nos grandes periódicos de diferentes campos de estudo. Geralmente, os jornalistas dão bons exemplos em suas manchetes de artigos de periódicos e revistas. Aqui estão alguns poucos exemplos de manchetes retiradas de jornais de ciências sociais:

- “A celebridade transexual e etnometodológica Agnes mudou sua identidade de quase três anos antes de passar por uma cirurgia de mudança de sexo.” (Cahill, 1989, p. 281)
- “Quem controla o processo de sucessão do presidente?” (Boeker, 1992, p. 400)
- “Há um grande grupo de literatura que estuda a linha cartográfica (um artigo recente é Buitendijk, 1985) e a generalização de linhas cartográficas (McMaster, 1987).” (Carstensen, 1989, p. 181)

Os três exemplos apresentam informações facilmente entendidas por muitos leitores. Os dois primeiros – introduções em estudos qualitativos – demonstram como é possível despertar o interesse do leitor com o uso de referência a um único participante fazendo uma pergunta. O terceiro exemplo, um estudo quantitativo-experimental, mostra como se pode começar com uma perspectiva da literatura. Os três exemplos demonstram o quanto a frase inicial pode ser bem escrita, de forma que o leitor não seja levado a um emaranhado de pensamentos detalhados, mas gentilmente guiado para o tópico.

Eu uso a metáfora do escritor descendo um balde em um poço. O escritor iniciante arremessa o balde (o leitor) nas profundezas do poço (o artigo). O leitor vê apenas material não-familiar. O escritor *experiente* baixa o balde (o leitor, outra vez) vagarosamente, permitindo ao leitor aclimatar-se ao estudo. A baixa do balde começa com um *gancho narrativo* que seja genérico o suficiente para que o leitor entenda (e possa relacioná-lo a) o tópico.

Depois desta primeira sentença, é importante identificar claramente para o leitor a questão ou o problema que gerou a necessidade do estudo. Terenzini e colaboradores (2001) discutem um problema distinto: a luta para aumentar a diversidade racial e étnica nos *campi* de faculdades e universidades norte-americanas. Eles observam que as políticas para aumentar a diversidade estão “no centro de um intenso debate nacional” (p. 509).

Na pesquisa de ciência social aplicada, os problemas surgem a partir de questões, dificuldades e práticas correntes. Por exemplo, as escolas podem não ter implementado diretrizes multiculturais, as necessidades do corpo docente nas universidades são tais, que os professores precisam se engajar em atividades de desenvolvimento profissional em seus departamentos, estudantes que são parte das minorias precisam ter mais acesso às universidades, uma comunidade precisa entender melhor as contribuições de suas pioneiras femininas mais antigas. Todos esses são problemas de pesquisa significativos, que merecem estudos adicionais e estabelecem uma questão prática ou preocupação que precisa ser tratada. Um *problema de*

pesquisa é a questão que existe na literatura, em teoria ou na prática, que resulta na necessidade do estudo. O problema de pesquisa em um estudo começa a tornar-se claro quando o pesquisador pergunta “Qual é a necessidade deste estudo?” ou “Que problema influenciou a necessidade de fazer este estudo?”.

Ao elaborar os parágrafos de abertura de uma proposta, tenha em mente estas diretrizes:

- Escreva uma frase de abertura que estimule o interesse do leitor e que também transmita uma questão com a qual o público geral possa se relacionar.
- Como regra geral, evite usar citações, especialmente as mais longas, na frase inicial. Citações dão margem a muitas possibilidades de interpretação, podendo criar inícios obscuros. Porém, como é evidente em alguns estudos qualitativos, as citações podem despertar o interesse do leitor.
- Mantenha-se longe de expressões idiomáticas ou frases banais (por exemplo, “O método de aula expositiva permanece como uma ‘vacasagrada’ entre a maioria dos instrutores universitários.”).
- Considere usar informação numérica para produzir impacto (por exemplo, “A cada ano cerca de 5 milhões de norte-americanos enfrentam a morte de um membro imediato da família.”).
- Identifique claramente o problema de pesquisa (por exemplo, dilema, questão) que orienta o estudo. Os pesquisadores poderiam perguntar a si mesmos: “Há uma frase (ou frases) específica através da qual transmitir o problema de pesquisa?”.
- Indique por que o problema é importante, citando referências que justifiquem a necessidade de estudar o problema.
- Assegure-se de que o problema de pesquisa seja estruturado de maneira consistente com a técnica de pesquisa no estudo (por exemplo, exploratória no estudo qualitativo, exame de relações ou previsoras no estudo quantitativo e qualquer uma das duas na investigação de métodos mistos).

Revisão de estudos que abordam o problema

Depois de estabelecer o problema de pesquisa nos parágrafos de abertura, Terenzini e colaboradores (2001) justificam a importância do problema de pesquisa ao *revisar estudos* que já examinaram o problema. Eles discutiram três “conjuntos de estudos” (p. 510) quase como se tivessem um mapa de literatura (como discutido no Capítulo 2) na sua frente e estivessem simplesmente apresentando as principais categorias de estudos sobre o impacto da diversidade dos alunos nos resultados educacionais. É importante observar no exemplo deles que eles não revisaram estudos únicos e isolados; ao contrário, apresentaram

grupos maiores de estudos, de forma que, neste ponto do artigo, pudessem apresentar um quadro mais amplo da literatura. É na seção de “revisão de literatura”, que normalmente vem após a introdução em um estudo quantitativo (algumas vezes, em um estudo qualitativo ou em um estudo de métodos mistos), que encontramos revisões detalhadas de estudos.

O objetivo da revisão de estudos que já abordaram o problema é justificar a importância do estudo e criar distinções entre os estudos passados e o estudo proposto. Esse componente poderia ser chamado “situar o problema de pesquisa dentro do diálogo corrente na literatura”. Os pesquisadores não querem conduzir um estudo que reproduza exatamente o que outra pessoa já estudou. Novos estudos precisam acrescentar algo à literatura ou ampliar ou retestar aquilo que outras pessoas já examinaram. Marshall e Rossmann (1999) falam sobre estabelecer um estudo “dentro de uma tradição de investigação e de um contexto de estudos correlatos” (p. 43). A capacidade de estruturar o estudo dessa forma separa os pesquisadores novatos dos mais experientes. O veterano entende o que foi escrito sobre um tópico ou um determinado problema na área. Esse conhecimento vem de anos de experiência que se guem ao desenvolvimento de problemas e de suas literatura associadas.

A questão sempre acaba sendo que tipo de literatura revisar: meu melhor conselho seria revisar estudos de “pesquisa” nos quais os autores apresentam questões de pesquisa e reportem dados para responder essas questões. Esses estudos podem ser quantitativos, qualitativos ou de métodos mistos. O ponto importante é que a literatura forneça estudos sobre o problema de pesquisa que está sendo abordado na proposta. Outra questão é “O que eu faço agora? Não foi feita nenhuma pesquisa sobre meu tópico”. Na verdade, em alguns estudos limitadamente construídos ou em novos projetos exploratórios, não existe nenhuma literatura para documentar o problema de pesquisa. Para retutar essa declaração, sempre sugiro que um investigador pense sobre a literatura como um triângulo invertido. No ápice do triângulo invertido está o estudo acadêmico proposto. Esse estudo é limitado e focado (e pode não existir estudos sobre o assunto). Se alguém ampliar a revisão da literatura para fora da base do triângulo, pode encontrar literatura, embora ela possa estar apenas indiretamente relacionada ao estudo em questão. Essa literatura de base ampla é revista para moldar o problema dentro da literatura.

Para revisar a literatura relacionada ao problema de pesquisa para a introdução de uma proposta, considere estas idéias:

- Refira-se à literatura resumizando grupos de estudos (diferentemente do foco em estudo único na revisão integrada do Capítulo 2), e não a estudos individuais. O objetivo deve ser estabelecer áreas amplas de pesquisa neste ponto do estudo.
- Para reduzir a ênfase nos estudos individuais, coloque as referências do texto no final do parágrafo ou no final de um ponto resumido sobre vários estudos.
- Reveja estudos de pesquisa que usaram técnica quantitativa, qualitativa ou de métodos mistos.

- Dê preferência à literatura recente para sumarizar (como aquelas publicadas nos últimos dez anos), a não ser que exista um estudo mais antigo que tenha sido amplamente citado por outros.

Deficiências na literatura existente

Depois de apresentar o problema e rever a literatura sobre ele, o pesquisador identifica as *deficiências* encontradas nessa literatura. Assim, eu uso um *modelo de deficiências* para redigir uma introdução para um estudo. A natureza dessas deficiências varia de um estudo para outro. A literatura pode ser deficiente porque os autores não estudaram variáveis específicas. Eles podem não ter explorado o tópico com um determinado grupo, amostra ou população. Pode ser necessário duplicar ou repetir a literatura para ver se os mesmos resultados são obtidos com novas amostras de pessoas ou novos locais de estudo. Em qualquer estudo, os autores podem mencionar uma ou mais dessas deficiências. Se outros autores também mencionaram essas deficiências – geralmente na seção de “sugestões para pesquisa futura” ao final dos estudos de pesquisa – então essa seção pode incluir referências a esses estudos como justificativa adicional para o estudo proposto.

Além de mencionar as deficiências, quem redige a proposta precisa dizer como o estudo planejado vai resolver ou tratar dessas deficiências. Por exemplo, se os estudos passados negligenciaram uma variável importante, um estudo irá incluí-la e analisar seus efeitos. Se os estudos passados negligenciaram o exame dos norte-americanos indígenas como grupo cultural, o estudo irá incluí-los como participantes do projeto.

Nos dois exemplos que se seguem, os autores destacam as lacunas ou deficiências da literatura. Observe o uso de frases-chave para indicar as deficiências: “o que ainda precisa ser explorado”, “pouca pesquisa empírica” e “muito poucos estudos”.

Exemplo 4.1 Deficiências na literatura – explorações necessárias

Por esta razão, o significado de guerra e paz foi explorado amplamente por cientistas sociais (Cooper, 1965; Alvik, 1968; Rosell, 1968; Svancarova e Svancarova, 1967-68; Haavedstrud, 1970). O que ainda precisa ser explorado, porém, é como os veteranos de guerras passadas reagem às cenas vividas de uma nova guerra. (Ziller, 1990, p. 85-86)

Exemplo 4.2 Deficiências na literatura – poucos estudos

Apesar do interesse crescente em micropolítica, é surpreendente que tenha sido conduzida tão pouca pesquisa empírica sobre o assunto, especialmente sob a perspectiva dos subordinados. A pesquisa política em ambientes educacionais

é especialmente infrequente: poucos estudos concentraram-se em como os professores usam o poder para interagir estrategicamente com os diretores da escola e o que isso significa descritiva e conceitualmente (Ball, 1987; Hoyle, 1986; Pratt, 1984). (Blase, 1989, p. 381)

Em resumo, ao identificar deficiências na literatura passada, quem elabora uma proposta deve fazer o seguinte:

- Citar várias deficiências, tornando o caso ainda mais forte para a elaboração de um estudo.
- Identificar especificamente as deficiências de outros estudos (por exemplo, falhas metodológicas, variáveis omitidas).
- Escrever sobre áreas omitidas em estudos passados, incluindo tópicos, tratamentos estatísticos especiais, implicações importantes, e assim por diante.
- Discutir como o estudo proposto vai resolver essas deficiências, dando uma contribuição única para a literatura acadêmica.

As deficiências podem ser descritas usando uma série de parágrafos curtos que identifiquem três ou quatro falhas da pesquisa passada, ou concentrem-se nem uma falha principal, como ilustrado na introdução de Terenzini e colaboradores (2001).

Importância de um estudo para o público

Todos os bons escritores têm o público em mente. Terenzini e colaboradores (2000) terminam sua introdução mencionando como os tribunais poderiam usar as informações do estudo para exigir que faculdades e universidades apóiem as “políticas de admissão sensíveis à raça” (p. 512). Além disso, os autores poderiam ter mencionado a importância desse estudo para o departamento alunos que querem ser admitidos, além dos comitês que analisam as solicitações de admissão.

O ponto é que os autores precisam identificar os públicos que tendem a se beneficiar com o problema de pesquisa. Quanto mais públicos puderem ser mencionados, maior a importância do estudo e maior a chance de que ele seja visto pelos leitores como um estudo de aplicação ampla. Esses públicos vão variar de um projeto para outro e podem incluir públicos diversos de criadores de políticas, organizações, outros pesquisadores e pessoas nas organizações de trabalho. Pode-se atingir o público em uma introdução ao mencionar brevemente esse público (como os tribunais no estudo de Terenzini e colaboradores [2001]) ou detalhar as informações para públicos diversos.

Finalmente, boas introduções para estudos de pesquisa terminam com uma declaração do propósito ou objetivo do estudo. Terenzini e colaboradores (2001)

terminaram sua introdução dessa forma e declararam que planejavam examinar a influência da diversidade estrutural nas aptidões dos alunos na sala de aula. A declaração de objetivo, um elemento orientador importante em qualquer estudo de pesquisa, é o foco de atenção do próximo capítulo.

Resumo

Este capítulo traz recomendações sobre composição e redação da introdução para um estudo acadêmico. O primeiro elemento é considerado como a introdução incorpora os problemas de pesquisa associados à pesquisa quantitativa, qualitativa ou de métodos mistos. Depois sugere-se uma introdução em cinco partes para ser usada como modelo ou padrão. Esse modelo, chamado modelo de deficiências, é baseado na identificação inicial do problema de pesquisa (e inclui um gancho narrativo). Depois inclui a revisão da literatura que abordou o problema, indicando uma ou mais deficiências na literatura passada e sugerindo como o estudo vai resolver essas deficiências. Geralmente termina identificando um ou mais públicos que vão se beneficiar com o estudo proposto e apresentando o propósito ou o objetivo principal do projeto. São dadas algumas diretrizes para redigir cada componente da introdução de um estudo.

Exercícios de redação

1. Esboce vários exemplos de ganchos narrativos para a introdução de um estudo e compartilhe esses esboços com colegas para determinar se os ganchos apresentam uma questão com a qual os leitores possam se relacionar.
2. Redija uma introdução para um estudo proposto. Inclua parágrafos estabelecendo o problema do estudo, a literatura relacionada ao problema, as deficiências na literatura e o público que vai considerar o estudo interessante.
3. Localize vários estudos de pesquisa publicados em periódicos acadêmicos em um campo de estudo. Reveja as introduções dos estudos e localize a frase ou as frases em que os autores descrevem o problema ou a questão de pesquisa em seus estudos.

Leituras adicionais

Bem, D. J. (1987). Writing the empirical journal article. Em M. P. Zanna e J. M. Darley (eds.), *The compleat academic: A practical guide for the beginning social scientist* (p. 171-201), Nova York: Random House.

Daryl Bem enfatiza a importância da declaração de abertura em pesquisa publicada. Ela dá uma lista de regras gerais para declarações de abertura, reforçando a necessidade de uma prosa clara e legível para uma estrutura que conduza o leitor passo a passo para a descrição do problema. São fornecidos exemplos de declarações de abertura satisfatórias e insatisfatórias. Bem clama por declarações de abertura que sejam acessíveis a não-especialistas, mas que não sejam maçantes para o leitor tecnicamente sofisticado.

Maxwell, J. A. (1996). *Qualitative research design: An interactive approach*. Thousand Oaks, CA: Sage.

Joe Maxwell reflete sobre o objetivo de uma proposta para uma tese qualitativa. Um dos aspectos fundamentais de uma proposta é justificar o projeto – ajudar os leitores a entender não apenas o que você planeja, mas também o porquê. Ele menciona a importância de identificar as questões que você planeja abordar e indicar por que elas são importantes para o estudo. Em um exemplo de uma proposta de tese, ele compartilha as principais questões abordadas pelo autor para criar um argumento convincente a favor do estudo.

Wilkinson, A. M. (1991). *The scientist's handbook for writing papers and dissertations*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.

Antoinette Wilkinson identifica as três partes de uma introdução: origem e descrição do problema e uma discussão sobre sua natureza, a discussão do histórico do problema e a declaração da questão de pesquisa. O livro dela oferece diversos exemplos dessas três partes junto com uma discussão sobre como redigir e estruturar a introdução. Enfatiza-se a necessidade de que a introdução conduza lógica e inevitavelmente à declaração da questão de pesquisa.